

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS**

MARIA CLARA CUNHA PAIXAO GOMES

MARIA ARAGÃO: MEMÓRIAS, SENTIDOS EM DISPUTA E APAGAMENTOS

São Luís
2026

MARIA CLARA CUNHA PAIXAO GOMES

MARIA ARAGÃO: MEMÓRIAS, SENTIDOS EM DISPUTA E APAGAMENTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Francês/Português.

Orientadora: Profª. Drª. Glória da Ressurreição Abreu França

São Luís
2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Cunha Paixão Gomes, Maria Clara.

MARIA ARAGÃO: MEMÓRIAS, SENTIDOS EM DISPUTA E
APAGAMENTOS / Maria Clara Cunha Paixão Gomes. - 2026.
52 f.

Orientador(a): Glória da Ressurreição Abreu França.
Curso de Letras - Francês, Universidade Federal do
Maranhão, São Luís, 2026.

1. Memória Discursiva. 2. Silenciamento. 3. Maria
Aragão. I. da Ressurreição Abreu França, Glória. II.
Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS**

MARIA CLARA CUNHA PAIXÃO GOMES

MARIA ARAGÃO: MEMÓRIAS, SENTIDOS EM DISPUTA E APAGAMENTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Letras da Universidade Federal
do Maranhão como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em Letras
Francês/Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Glória da
Ressurreição Abreu França

Data de defesa: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof^a. Dra. Glória da Ressurreição Abreu França
Professora do Curso de Letras Português/Francês da Universidade Federal do Maranhão –
presidente/orientadora.

Prof^a. Dra. Mônica da Silva Cruz.
Professora do Curso de Letras Português/Francês da Universidade Federal do Maranhão
(UFMA).

Prof^a. Dra. Máisa Ramos Pereira.
Professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão
(UEMA/Campus São Luís).

Aos meus pais, que sempre acreditaram que eu poderia buscar os meus sonhos, mesmo que impossíveis, sabendo que eu poderia alcançá-los.

AGRADECIMENTOS

Já escrevi e reescrevi tantas vezes esses agradecimentos, mas nunca consegui encontrar de forma satisfatória como expressar os meus sentimentos de gratidão nesta conclusão de uma grande e longa etapa da minha vida. E por mais que não sejam as palavras mais perfeitas, não posso deixar de dizer-las, de externá-las, e para isso, preciso começar a agradecer as minhas maiores inspirações.

Eu cresci em uma família formada por grandes mulheres. Sempre tive ao meu redor exemplos de profunda admiração, que me fizeram ter a ambição de ir buscar o mundo, sabendo que eu poderia alcançá-lo.

À minha mãe, Ana Lúcia, o primeiro e maior exemplo de mulher que tive, primeira graduada na UFMA da sua família, como jornalista. Jornalista e, posteriormente, bibliotecária, acredito que por isso sempre me incentivou a buscar os livros, o conhecimento, e a entender a imensidade do mundo, e que, talvez, ele não seria tão grande assim para os planos que eu buscava, e que ainda busco. Ela, que retornou depois de 30 anos para a universidade, na sua segunda graduação na UFMA, já aos 50 anos, mesmo com julgamentos e a não crença de muitos, mas que não se importou com tudo isso para realizar os seus sonhos. A cada sonho teu realizado, me inspira a seguir os meus. Sua história, sua sabedoria e sua forma generosa de enxergar o mundo moldaram profundamente quem eu sou e sustentaram meus passos ao longo desta caminhada acadêmica. Te amo, e muito obrigada por acreditar em mim.

Às minhas avós, Augusta e Terezinha. Augusta, mãe do meu pai, cuja presença em minha vida sempre foi sinônimo de carinho, força e inspiração. Terezinha, mãe da minha mãe, a qual não tive o prazer de conhecer quando nasci, mas que ainda assim me inspirou com suas lições que foram deixadas e transmitidas a mim.

Às minhas primas: Maria Angélica, Maria Gabriela, Nívea Maria, Marias assim como eu. Sempre olhei as conquistas de cada uma de vocês como um grande incentivo para mim, inclusive segui pelo mesmo caminho tantas vezes. Muito obrigada pelo estímulo e incentivo, mesmo que muitas vezes vocês nem soubessem.

E agora, não apenas citando essas grandes mulheres, tenho também que agradecer a grandes encorajadores.

Ao meu pai, John Herbeth, por todo seu amor e carinho durante toda minha vida. Muito obrigada por todos os momentos de trabalho, de almoços, por dividir as tardes comigo, mesmo que em cômodos separados. Muito obrigada por ser o melhor pai que alguém poderia ter. Muito obrigada também por me inspirar com a sua história, começando a trabalhar desde cedo, e depois descobrindo sua vocação pela tecnologia. Primeiro aprendeu a profissão na prática e muitos anos depois buscou também a sua formação no ensino superior. Primeiro da sua família com um diploma de graduação, e muitos outros diplomas ainda vieram depois desse. Te amo, muito obrigada.

Ao meu irmão, Nicolas, por tudo que uma fraternidade pode oferecer: um pouco de estresse, muito amor e companheirismo. Obrigada por ter estar sempre ao lado, por acreditar em mim e dividir todos os risos, piadas e *memes* comigo. Te amo, muito obrigada.

Aos meus avôs. José de Ribamar, pai da minha mãe, agradeço pelas tardes de conversa sentado na cadeira de balanço, onde eu passava somente para ir brincar no quintal, mas no caminho eu pedia a benção e ele me dizia: “Seja melhor do que os seus pais são hoje”, espero estar fazendo jus as suas palavras. José Raimundo, pai do meu pai, que infelizmente não conheci, mas manifesto aqui meu respeito e minha homenagem à sua memória, reconhecendo seu lugar em minha história e na construção de minha família

Quero agradecer também a minha querida companheira desses anos de graduação: Giovanna Gomes. Com certeza sem as nossas conversas, incentivos e surtos, eu não estaria aqui hoje. Você foi crucial nessa caminhada.

À todos que passaram pela minha vida nesses anos, em especial as minhas amigas de longa data: Tárzia, Renata, Roberta, Nathalia, Giovanna Coelho e Leticia Neres. Mesmo distantes, vocês me trazem conforto e confiança sempre que preciso. Obrigada por fazerem parte da minha história.

Ao meu companheiro, Kluivert Henrique, por me apoiar em todos os meus planos mais loucos e irrealistas. Tu sempre me faz acreditar que tudo é possível. Muito obrigada por fazer parte da minha vida.

Aos professores do curso de Letras-Francês da Universidade Federal do Maranhão, expresso minha profunda gratidão. Suas provocações intelectuais e a generosidade com que compartilharam seus saberes foram fundamentais não apenas para a construção deste

trabalho, mas para a minha formação como sujeito crítico. Obrigado por serem exemplos de dedicação e por inspirarem a busca constante pelo conhecimento.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Discurso, Interseccionalidade e Subjetivações (GEPEDIS) e à professora e orientadora Glória França, cujo compromisso com a pesquisa foi fundamental para a realização deste trabalho. No GEPEDIS encontrei um espaço de reflexão crítica, diálogo constante e acolhimento acadêmico, que ampliaram minha compreensão teórica e fortaleceram minha trajetória, foram 3 anos de pesquisa científica, onde pude me desenvolver e me encontrar enquanto pesquisadora. À professora Glória, expresso minha profunda gratidão pela orientação cuidadosa, pela escuta atenta e pelo incentivo permanente, que foram decisivos para o amadurecimento e a conclusão deste TCC.

Por fim, agradeço a mim mesma, pela coragem de realizar tudo que me proponho, de ter sonhos, traçar planos e conquistar aquilo que quero e posso. Agradeço a mim pela bravura de cruzar oceanos e fronteiras, descobrir línguas e culturas diferentes, de mergulhar em tudo de cabeça.

Sou Maria como tantas, como Maria Aragão. Espero poder honrar o nome de tantas Marias, tantas mulheres.

A tudo, a todos e a todas. Muito obrigada por me fazerem quem sou.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso analisa os processos de significação que constituem a memória discursiva em torno da figura de Maria Aragão (médica, militante comunista e liderança política maranhense) e do espaço urbano que a homenageia, a Praça Memorial Maria Aragão, em São Luís do Maranhão. A pesquisa emerge de inquietações suscitadas pela circulação cotidiana na cidade, onde se observou que, embora o nome de Maria Aragão seja amplamente evocado como referência geográfica e ponto de encontro, sua trajetória, suas lutas e sua inserção político-ideológica permanecem majoritariamente obliteradas no discurso público. Essa antinomia entre a recorrência do nome e o apagamento dos constructos históricos constituiu a motivação central para a análise. O estudo inscreve-se no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso de orientação materialista, adotando a memória como um processo discursivo tensionado pela ideologia, pelo silêncio e pelas condições de produção. O trabalho estabelece um diálogo profícuo, em especial, com os aportes teóricos de Michel Pêcheux (1990), Eni Orlandi (2005), Pierre Achard e Zoppi-Fontana (2018). A pesquisa materializa que a Praça Memorial Maria Aragão configura-se como um espaço eminentemente contraditório: simultaneamente em que oficializa a homenagem à militante, integra-se a um processo de esvaziamento da memória política através de um discurso turístico, reconfigurando a figura de Maria Aragão em termos compatíveis com o discurso hegemônico. Analisamos também a transição da alcunha difamatória “Besta-Fera” ao título estatal “Heroína da Pátria” materializa um deslocamento significativo, porém não linear, marcado por disputas que revelam a luta entre diferentes regimes de significação. Ao tensionar essas modalidades de funcionamento da memória, o trabalho corporifica como os discursos sobre o passado são produzidos em meio a relações desiguais, assinalados por silenciamentos que não denotam ausência, mas sim efeitos de sentido. Assim, a análise propõe-se a materializar de que maneira a cidade reinscreve ou neutraliza memórias incômodas, e como figuras políticas, em particular mulheres negras militantes, são submetidas a processos de apagamento simbólico. Ao reinscrever Maria Aragão no debate, se pressupõe não apenas a rememorar sua trajetória, mas também a desestabilizar os sentidos cristalizados na memória oficial, propiciando a emergência de discursos que confrontam apagamentos históricos e possibilitem novas formas de significar o passado e o espaço urbano.

Palavras-Chaves: Memória Discursiva; Silenciamento; Maria Aragão.

RÉSUMÉ

Ce mémoire de licence analyse les processus de signification qui constituent la mémoire discursive entourant la figure de Maria Aragão (médecin, militante communiste et figure politique du Maranhão) et l'espace urbain qui lui rend hommage, la place commémorative Maria Aragão, à São Luís, dans l'État du Maranhão. La recherche découle des préoccupations soulevées par la circulation quotidienne dans la ville, où il a été observé que, bien que le nom de Maria Aragão soit largement évoqué comme référence géographique et point de rencontre, son parcours, ses luttes et son insertion politico-idéologique demeurent largement occultés du discours public. Cette antinomie entre la récurrence du nom et l'effacement des constructions historiques a constitué la principale motivation de l'analyse. L'étude s'inscrit dans le cadre théorique et méthodologique de l'analyse du discours, avec une orientation matérialiste, appréhendant la mémoire comme un processus discursif façonné par l'idéologie, le silence et les conditions de production. Ce travail instaure un dialogue fécond, notamment avec les contributions théoriques de Michel Pêcheux (1990), Eni Orlandi (2005), Pierre Achard et Zoppi-Fontana (2018). La recherche démontre que la place commémorative Maria Aragão est un espace éminemment contradictoire : tout en honorant officiellement la militante, elle est également intégrée à un processus d'effacement de la mémoire politique par le biais d'un discours touristique, en reconfigurant la figure de Maria Aragão en des termes compatibles avec le discours hégémonique. Nous analysons également comment le passage du surnom diffamatoire « Bête-Bête » au titre officiel d'« Héroïne de la Patrie » matérialise un glissement significatif, quoique non linéaire, marqué par des controverses qui révèlent la lutte entre différents régimes de signification. En mettant en lumière ces modes de fonctionnement de la mémoire, le travail illustre comment les discours sur le passé sont produits au sein de relations inégales, marquées par des silences qui ne dénotent pas l'absence, mais plutôt les effets du sens. Cette analyse vise donc à démontrer comment la ville réinscrit ou neutralise les mémoires douloureuses, et comment les figures politiques, notamment les militantes noires, sont soumises à des processus d'effacement symbolique. En réinscrivant Maria Aragão dans le débat, l'intention n'est pas seulement de se souvenir de son parcours, mais aussi de déstabiliser les significations cristallisées dans la mémoire officielle, favorisant ainsi l'émergence de discours qui s'attaquent aux effacements historiques et ouvrent la voie à de nouvelles manières de signifier le passé et l'espace urbain.

Mots-clés : Mémoire Discursive ; Silence ; Maria Aragão.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.....	32
FIGURA 2.....	33
FIGURA 3.....	34
FIGURA 4.....	38
FIGURA 5.....	39
FIGURA 6.....	40
FIGURA 7.....	40
FIGURA 8.....	42
FIGURA 9.....	42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. A MEMÓRIA NA ANÁLISE DO DISCURSO.....	17
2.1 Memória Discursiva.....	17
2.2 Memória e o Corpo/Espaço.....	20
2.3 Memória e a Interpelação Ideológica.....	22
2.4 Memória, mídia e discurso.....	23
3.PERCURSO METODOLÓGICO.....	26
3.1 Maria Aragão: A mulher na história.....	26
3.2 Os Materiais.....	28
4. MOVIMENTOS ANALÍTICOS.....	30
4.1 - A praça e seu espaço político.....	31
4.2 - A praça e seu espaço cultural e de memória.....	37
4.3 Maria Aragão: A Besta-Fera e a Heroína da Pátria.....	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50

*“Nas flores do jardim de margaridas
Maria-esperança nasceu
quebrando os espinhos da vida
menina-Maria cresceu”
Escrete e José Raimundo Gonçalves*

1. INTRODUÇÃO

Ao caminhar pelas ruas e praças de São Luís do Maranhão, torna-se inevitável perceber como as palavras que nomeiam os espaços urbanos carregam consigo fragmentos de histórias, marcas do passado e discursos que ecoam na vida cotidiana. São ruas, escolas, monumentos e praças que, ao serem nomeados, inscrevem determinadas memórias no espaço público, funcionando como lugares de significação e, ao mesmo tempo, de esquecimento. Entre tantos nomes que atravessam o imaginário da cidade, foi o de Maria Aragão que mais fortemente ressoou para o início dessa análise. Repetido constantemente pelas pessoas como ponto de referência (“nos encontramos na Maria Aragão”), esse nome circula com naturalidade na boca do povo, mas raramente é acompanhado de alguma informação que fale sobre quem foi essa mulher, qual sua trajetória, o que representa sua presença no espaço urbano.

Essa constatação inicial provocou uma inquietação que impulsionou esta pesquisa: por que um espaço tão presente na geografia e na rotina da cidade, que carrega o nome de uma mulher negra, comunista e resistente à ditadura militar, não mobiliza discursos sobre sua história? Por que esse nome, ainda que repetido e reconhecido, é esvaziado de sentido político em sua circulação cotidiana? Ao tomar contato com essas questões, tornou-se necessário investigar como a memória opera nos discursos e nos espaços, e como o silêncio também é uma forma de significar. A Praça Maria Aragão, projetada por Oscar Niemeyer e situada no coração da capital maranhense, torna-se, assim, um objeto privilegiado de análise para se pensar os efeitos da nomeação, os modos de circulação dos sentidos e os mecanismos de silenciamento da história. E a partir desse material inicial, muitos arquivos sobre Maria Aragão foram acessados para a constituição do *corpus*: A Praça Memorial, artigos online, o jornal Tribuna do Povo, e etc. Durante o período de constituição de análise foi necessário vencer o *Desafio de dizer Não*¹ e buscar uma materialidade mais objetivamente.

¹ LAGAZZI, Suzy. *O desafio de dizer não*. Campinas, SP: Pontes Editores, 1988.

A pesquisa em questão foi desenvolvida ao longo de um período de três anos sob a modalidade de Iniciação Científica (PIBIC), representando um esforço contínuo e aprofundado na análise das memórias e discursos que circulam na Praça Memorial Maria Aragão e em outros materiais sobre Maria. Durante este período, o trabalho esteve vinculado ao GEPEDIS (Grupo de Estudos e Pesquisas em Discurso, Interseccionalidade e Subjetivações), sediado na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e registrado no CNPq. Essa filiação forneceu o arcabouço teórico-metodológico necessário, pautado na Análise do Discurso de linha francesa, para a compreensão das relações entre materialidade, memória e sujeição no espaço urbano, integrando-se, especificamente, aos projetos de pesquisa do Grupo: "Discurso, cultura e silenciamentos: uma leitura interseccional/decolonial de processos de identificação" e "Cultura, Memória e Processos De Identificação: leituras materialistas, interseccionais e decoloniais". Adicionalmente, o desenvolvimento da pesquisa contou com o suporte financeiro essencial da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), por meio da concessão de bolsa por um ano, o que permitiu a dedicação integral às análises de materialidade discursiva e aprofundamento bibliográfico.

Dentro dos amplos conceitos desenvolvidos no campo da Análise do Discurso de orientação materialista, a memória é entendida não como simples recordação de um passado cristalizado, mas como um processo histórico e ideológico de reinscrição de sentidos. Segundo Orlandi (2007), o discurso é atravessado por esquecimentos constitutivos, e o silêncio é também uma forma de linguagem, muitas vezes mais reveladora que o próprio dizer. A memória discursiva, nesse contexto, não se refere à lembrança literal de enunciados, mas, como afirma Achard (1999), aos "julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstituído pelas operações de paráfrase". Ou seja, o que se repete no discurso não é o passado em si, mas o que pode ser dito dentro de determinadas condições de produção, o que é autorizado a significar. Além disso, podemos observar que não apenas a repetição, mas os sentidos que atravessam os termos através dessas condições também são essenciais:

Em diversas correntes de teorias sobre o discurso, defende-se que os sentidos das palavras não são preestabelecidos, mas podem ser tomados por meios de exercícios analíticos do uso que se faz de determinados termos. O uso, marcado pela história, confere alguma significação que pode ser apreendida e destacada pelo analista. (RAMOS, 2020, p. 81)

Aqui pode-se perceber que os sentidos são apreendidos pelo uso histórico dos termos, e que não possui um sentido estático. Ao investigar como os termos são mobilizados,

percebe-se que sua repetição no espaço urbano não assegura a preservação da memória, mas pode operar um esquecimento constitutivo (Orlandi, 2007). O exercício analítico sobre esses usos revela que a aparente homenagem muitas vezes atua para neutralizar o potencial disruptivo da mulher negra e comunista, transformando o memorial em um espaço de sentidos esvaziados e silenciamentos ideológicos. A repetição marcada pela ideologia mostra que a nomeação de um espaço não garante, por si só, a preservação da memória: ao contrário, pode produzir o apagamento sob a aparência da homenagem. A figura de Maria Aragão, mulher negra e comunista, não se encaixa facilmente nas narrativas hegemônicas de celebração do passado. Assim, mesmo homenageada, ela é silenciada. Sua imagem é absorvida por um discurso que busca neutralizar seu potencial disruptivo, transformando a praça em um espaço de memória esvaziada.

A escolha deste tema, portanto, nasce do estranhamento diante dessa contradição: um nome presente, mas uma história ausente. Maria Aragão é citada, localizada, marcada na cartografia urbana, mas sua biografia, suas lutas e sua militância são omitidas do discurso público e institucional. Esse processo textualiza o funcionamento ideológico da memória, que não é neutra, mas atravessada por disputas e escolhas políticas.

A figura de Maria Aragão, médica, líder política e militante comunista, ecoa em São Luís do Maranhão como um símbolo complexo e multifacetado, cuja memória se entrelaça com o próprio tecido da cidade. Esta análise se propõe a mergulhar nos intrincados caminhos da memória discursiva, utilizando a Análise do Discurso de orientação materialista para desvendar os sentidos que foram e continuam a ser atribuídos a essa personagem histórica, bem como o espaço que a homenageia: a Praça Memorial Maria Aragão. Longe de ser um mero repositório de fatos passados, a memória é aqui compreendida como um campo de batalha simbólica, onde discursos, silenciamentos e reinscrições se confrontam, moldando percepções e interpelando sujeitos de maneiras diversas.

Partimos da premissa de que o funcionamento da língua nos discursos está intrinsecamente ligado à memória discursiva, um conjunto de saberes anteriores que se atualizam em cada formulação. Nesse sentido, Maria Aragão não é apenas um nome, mas um ponto de convergência de múltiplos discursos que circulam em livros, reportagens, espaços urbanos e até mesmo em manifestações populares. Nos aprofundamos na relação entre memória, corpo e espaço, investigando como a materialidade da Praça Memorial Maria Aragão, projetada por Oscar Niemeyer, interage com as narrativas que se constroem em torno

da militante. Observa-se que, apesar de ser um local de homenagem, a praça frequentemente se configura como um espaço de memória esvaziada, onde o nome persiste fisicamente, mas a profundidade de sua história e suas lutas é silenciada pelos discursos hegemônicos, impedindo a consolidação de sentidos mais ricos e complexos sobre sua trajetória.

A investigação também busca materializar a lacuna existente entre o discurso oficial do memorial, que busca preservar a imagem de Maria Aragão como "líder política" e "líder comunista", e a percepção do público, notadamente veiculada em sites de turismo. Nesses espaços, a história é frequentemente "engolida pelo entretenimento", esvaziando o peso político do local e transformando-o em um mero ponto de interesse cultural ou de eventos. Essa discrepância revela como o silêncio e a omissão de determinados aspectos da história contribuem para uma política de memória que filtra e molda a forma como os sujeitos se relacionam com o passado e com figuras históricas. Em última instância, este trabalho busca não apenas analisar a construção da memória de Maria Aragão, mas também instigar uma reflexão crítica sobre os modos de resistência possíveis, tensionando os discursos e os espaços para que vozes historicamente silenciadas possam, de fato, significar em toda a sua complexidade, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada dos processos de construção e disputa de memória nos contextos urbanos e políticos brasileiros.

Além da Praça Memorial, um dos focos centrais que fazem parte do *corpus* deste estudo reside na complexa transição dos epítetos atribuídos a Maria Aragão: de "Besta-Fera", uma designação difamatória que buscava demonizar e deslegitimar sua atuação política nos anos de intensa perseguição, à "Heroína da Pátria", um título que, décadas depois, representa uma institucionalização de sua memória, legitimada pelo próprio Estado. Essa metamorfose não é uma simples mudança de rótulos, mas um espelho dos profundos deslocamentos nos regimes de significação que permeiam sua figura. No entanto, a heroificação, embora um reconhecimento, não apaga completamente as marcas dos discursos anteriores, mantendo a figura de Maria Aragão como um campo de intensa disputa discursiva.

Em suma, esta pesquisa busca textualizar os processos de apagamento e disputa que moldam a identidade histórica maranhense, contribuindo para uma compreensão crítica dos sentidos que ainda ecoam e resistem no espaço urbano.

2. A MEMÓRIA NA ANÁLISE DO DISCURSO

A seguir, estruturamos o aporte teórico-metodológico necessário para a sustentação das análises propostas. Fundamentada na Análise do Discurso (Pêcheux, 1969), esta seção articula os conceitos de memória discursiva, silenciamento e interdiscurso às noções de corpo e espaço como territórios de significação. Tal base teórica servirá de lente analítica para desvelar as tramas ideológicas e as disputas de sentidos que moldam a figura de Maria Aragão nas materialidades urbanas e mediáticas selecionadas. Nessa perspectiva, o sentido não é fixo nem unívoco, mas constituído a partir de condições de produção específicas e da relação entre diferentes formações discursivas. Assim, o discurso não é mero repositório de códigos linguísticos, mas uma prática simbólica que articula memória, ideologia e historicidade.

O passado não é livre. Nenhuma sociedade o deixa à mercê da própria sorte. Ele é regido, gerido, preservado, explicado, contado, comemorado ou odiado. Quer seja celebrado ou ocultado, permanece uma questão fundamental do presente. (ROBIN, 2016, p. 31)

Partindo dessa concepção, compreende-se que o funcionamento da língua nos discursos está diretamente relacionado à memória discursiva, entendida como o conjunto de saberes anteriores que se atualizam nas formulações. Livros, reportagens, espaços urbanos e outros textos são materiais simbólicos que, ao circularem socialmente, produzem sentidos diversos, mesmo quando aparentemente tratam de um mesmo objeto ou figura histórica. Desse modo, é fundamental considerar os efeitos de sentido produzidos nas diferentes condições de produção e circulação desses discursos, bem como os silenciamentos e apagamentos que podem se configurar a partir das relações de poder neles inscritas.

2.1 Memória Discursiva

A partir da concepção de Pêcheux (1999), que define a memória como um espaço de inscrição do acontecimento atravessado pela tensão social, mítica e histórica, e de Achard (1999), que a vê como a materialidade de uma certa memória social construída pela estruturação do discursivo, esta pesquisa direciona sua análise a um *corpus* diversificado para corporificar a dinâmica da significação. Essa perspectiva é aprofundada pelo conceito de Memória Discursiva (MD), central na Análise do Discurso de linha francesa. Conforme analisado por Glória França (2018), a MD diz respeito ao modo como os discursos se constituem e produzem sentidos a partir de uma relação intrínseca com outros discursos anteriores, que estão inscritos na história e na própria linguagem. Em outras palavras, para a

AD, o discurso nunca é um ato inaugural, mas está sempre atravessado por dizeres anteriores que o tornam historicamente possível. Esses dizeres preexistentes reaparecem, retornam, são retomados e atualizados no presente, constituindo o que Pêcheux denomina de interdiscurso.

No caso da Praça Memorial Maria Aragão, incluindo seus monumentos, placas e o museu, esta funciona como o principal *lugar de memória*, onde o discurso sobre a homenageada se materializa na arquitetura, constituindo a memória de Maria Aragão como um pressuposto verossímil, uma vez que "a estruturação do discursivo vai constituir a materialidade de uma certa memória social" (Achard, 1999, p. 11). Contudo, essa memória não é estática nem unívoca, o que podemos verificar em partes do material presente neste trabalho, que correspondem a recortes de portais de notícias: a mídia contemporânea revela o processo contínuo de (re)construção dessa memória social. Nesses veículos, a paráfrase, descrita por Achard (1999, p. 17) como a operação que constrói julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstituído, opera, atualizando e adequando o legado de Maria Aragão aos debates do presente. Por fim, o depoimento autobiográfico sobre Maria Aragão é abordado como uma tentativa de estabilização narrativa, uma *memória construída* (Pêcheux), que se manifesta como uma complexa operação de paráfrase que busca fixar e legitimar uma cadeia de sentidos. Assim, a pesquisa articula a materialidade urbana com a discursividade midiática e o registro histórico, capturando a memória como um processo dinâmico de produção de sentidos no presente, sempre sob a tensão da fragilidade e da contradição (Pêcheux, 1999, p. 50) que marca a inscrição do acontecimento na história.

Compreendida como aquilo que, diante de uma estrutura considerada como acontecimento, a Memória Discursiva, restabelece os implícitos necessários à sua leitura: os pré-construídos, os discursos transversos, e as marcas do interdiscurso. Assim, ela funciona como uma estrutura complexa de repetições, retomadas e paráfrases que sustentam a produção de sentido. É por meio dessa memória que se constroem, que se apresentam como "sempre-já-aí", naturalizando e fixando identidades, como mostra Marie-Anne Paveau (2013).

A MD, então, articula-se com o esquecimento, que, como afirma Zoppi-Fontana (2018, p. 11), é parte constitutiva da própria memória, marcada por seu caráter "necessariamente lacunar e equívoco". Essa incompletude se manifesta nos silenciamentos discursivos, compreendidos por Orlandi (2010) como sentidos que não puderam significar. Para a autora, o silêncio decorre tanto das falhas da linguagem quanto de uma política de

silenciamento, que atua na seleção do que pode ou não ser dito. Ramos (2020) também afirma que “O silêncio produz sentidos e seu modo de significar também afeta a maneira como as palavras serão tomadas e significadas”. Esse funcionamento é perceptível quando observamos a presença do nome de Maria Aragão em praças, livros e eventos públicos, sem, no entanto, um aprofundamento sobre sua trajetória política e militante, que serão analisados posteriormente. Sua história, embora nomeada, é em grande parte silenciada, apagada dos sentidos hegemônicos que se constroem sobre a memória coletiva. O espaço que carrega seu nome, que poderia funcionar como lugar de memória (Nora, 1984), apresenta-se como um espaço de memória esvaziada, em que a referência à figura histórica não se traduz em efetiva rememoração de sua luta, mas antes em uma marca superficial, desprovida de sentidos históricos mais profundos.

A construção discursiva da memória, assim, é compreendida como uma força produtiva na linguagem, que organiza os sentidos possíveis por meio de retomadas, silenciamentos e esquecimentos, sempre atravessada pelas contradições entre língua e história. Ela atua na constituição dos discursos ao reinscrever sentidos já ditos, funcionando como um tecido interdiscursivo que sustenta a interpretação, mas também delimita o que pode ser lembrado e o que deve ser esquecido. Nesse movimento, a memória não é apenas evocação do passado, mas operação simbólica que projeta identidades, fixa estereótipos e institui verdades. Ao mesmo tempo em que produz sentidos, ela produz também seus vazios, lacunas de significação que resultam de escolhas políticas, de disputas pelo dizer. A memória discursiva, portanto, não é neutra nem estável; ela é histórica, ideológica e atravessada por disputas de poder que se materializam nos discursos e nos espaços em que circulam.

Compreender a memória discursiva implica reconhecer que ela não se limita a uma simples repetição ou recuperação literal de enunciados do passado. Como afirma Achard (1999), os sentidos retomados no presente são sempre atravessados por processos de reformulação e atualização, orientados pelas condições sócio-históricas de produção. O que chega ao presente como memória é, na verdade, uma reconstrução, uma produção de sentidos que aparenta ser familiar e legítima, mas que é atravessada por deslocamentos e esquecimentos. Assim, a memória não garante a preservação fiel de um acontecimento ou de uma figura histórica, mas oferece versões, interpretações que se constituem em meio a disputas de sentido. Nesse processo, o que é considerado “lembrado” passa antes por um

filtro de verossimilhança, o que reforça a ideia de que a memória, ao mesmo tempo que diz, também oculta e silencia.

2.2 Memória e o Corpo/Espaço

A análise do *corpus* da pesquisa, que confronta a narrativa oficial do Memorial com a militância e perseguição vividas por Maria Aragão, encontra profundidade teórica na abordagem que articula memória discursiva, corpo e espaço como territórios de materialização e disputa de sentidos. O referencial teórico adota a concepção de que o corpo não é mera estrutura biológica, mas sim uma "materialidade que se constrói pelo discurso, se configura em torno de limites e se submete à falha" (FERREIRA, 2013, p. 80). Essa perspectiva permite analisar a trajetória de Maria Aragão de maneira tripla: o corpo da militante, narrado em seu depoimento autobiográfico, transforma-se em um "objeto discursivo" e "dispositivo de visualização" que expõe os sintomas sociais e culturais da repressão política; o uso do termo "Besta-Fera" por seus opositores atua como a linguagem que "incide sobre o corpo, toca o organismo, o desnatura e o modifica" (FERREIRA, 2013, p. 80), configurando-o como um efeito direto do discurso de ódio. Em paralelo, o espaço urbano da Praça Memorial Maria Aragão funciona como o corpo social onde essa disputa é encenada, buscando ser o "lugar de simbolização" (FERREIRA, 2013, p. 78); contudo, a análise dos recortes demonstra a falha no processo de simbolização, onde a redução da praça à sua função utilitária opera o esquecimento institucionalizado. Dessa forma, o conflito entre a memória da "Besta-Fera" (opressão inscrita no corpo) e a "Heroína da Pátria" (reparação inscrita na lei) atualiza a memória como um processo de inscrição e falha, no qual as marcas históricas, os esquecimentos e as retomadas de sentidos são corporificados e reinscritos nos sujeitos e na materialidade do espaço urbano.

A memória discursiva, quando analisada em sua relação com o corpo e o espaço, materializa como os sentidos sobre o passado são materializados e reinscritos em determinados lugares físicos e nos próprios sujeitos. O "corpo é tanto uma linguagem, como uma forma de subjetivação e, por isso mesmo, tem relação estreita com o discurso" (FERREIRA, 2013), já o espaço, longe de ser apenas um cenário neutro, projeta-se enquanto um território de disputa de sentidos, onde a memória é corporificada e, muitas vezes, também silenciada.

[...] a cidade (e seus espaços) não refere a um domínio de objetos definidos empiricamente, mas a um domínio de interpretação, que permite ao sujeito se situar

no mundo [...]. Assim, a cidade (e seus espaços), ela mesma é já interpretação, que se impõe ao sujeito como evidência, produzida pelo efeito do trabalho da ideologia no discurso. (Zoppi-Fontana, 1999, p. 202).

Ao postular que o espaço urbano é um domínio de interpretação, a autora reforça que a praça não é apenas um conjunto de concreto e arquitetura, mas um espaço que já nasce "interpretado" por discursos e ideologias. Segundo essa perspectiva, os corpos que atravessam e ocupam esses espaços, bem como os discursos que os nomeiam, são atravessados por marcas históricas, por esquecimentos e por retomadas parciais de sentidos. A praça que leva o nome de Maria Aragão, por exemplo, deveria funcionar como um lugar de memória, um espaço de reinscrição da história de luta e resistência protagonizada por essa mulher. No entanto, o que será apontado é uma memória esvaziada, onde o nome persiste fisicamente no espaço, mas desprovido de um trabalho efetivo de rememoração discursiva. O corpo da militante desaparece enquanto sujeito histórico, permanecendo apenas como uma referência vazia, circulando em eventos, placas e denominações, mas sem a sustentação dos sentidos de sua trajetória política e social. Assim, o espaço urbano, que poderia ser um lugar de resistência da memória, opera também como um dispositivo de silenciamento e de apagamento simbólico, onde o corpo e a história de Maria Aragão são relegados a um lugar secundário no imaginário coletivo.

Essa dinâmica entre memória, corpo e espaço textualiza que a materialidade não é apenas física, mas também simbólica e discursiva. O espaço urbano carrega marcas ideológicas, funcionando como um texto que produz sentidos sobre quem deve ser lembrado e de que forma. Quando o corpo de Maria Aragão é esvaziado de sua historicidade e de suas lutas, o espaço que leva seu nome também se transforma em um território de memória controlada, onde os sentidos são filtrados, reduzidos e muitas vezes apagados. A materialidade da praça, com sua arquitetura, seus monumentos e sua presença no cotidiano da cidade, pode sugerir um lugar de homenagem e reconhecimento, mas o silêncio discursivo sobre a trajetória da militante denuncia uma política de memória que prefere manter a superfície do nome, sem permitir que os sentidos de resistência e enfrentamento que ela representou voltem a circular plenamente. Assim, o corpo social que frequenta esse espaço é igualmente afetado por esse processo: ao habitar uma praça que não conta sua própria história, a coletividade é impedida de construir uma memória crítica e consciente sobre o passado de luta que ali deveria ser reinscrito.

2.3 Memória e a Interpelação Ideológica

A memória discursiva também se articula diretamente com os processos de interpelação ideológica, na medida em que os sujeitos são chamados a ocupar determinadas posições a partir dos sentidos historicamente construídos. Segundo a perspectiva althusseriana, retomada por Orlandi (2010), a interpelação ideológica é o processo pelo qual os sujeitos se reconhecem (ou são reconhecidos) em determinados lugares de sentido, respondendo aos chamados da ideologia. A memória, nesse contexto, funciona como um dispositivo que oferece aos sujeitos os discursos disponíveis para que eles se identifiquem ou se posicionem frente a determinados acontecimentos ou figuras históricas. No caso de Maria Aragão, os processos de silenciamento e de apagamento de sua história política produzem efeitos na forma como ela é significada no presente. A ausência de discursos que retomam suas lutas e sua militância implica que os sujeitos interpelados pelo nome "Maria Aragão" sejam levados a reconhecê-la apenas como um nome de praça, um título em livros didáticos ou um evento cultural, sem acessar os sentidos de resistência, enfrentamento e transformação social que marcaram sua trajetória. Assim, a memória discursiva, ao ser atravessada por políticas de silenciamento, regula também os modos como os sujeitos se posicionam frente ao passado e às figuras históricas, moldando sua relação com a história a partir dos limites impostos pela ideologia dominante.

Nesse processo, a memória discursiva, marcada por silenciamentos e seleções, atua na constituição dos sujeitos ao delimitar o que pode ser lembrado, dito e reconhecido como legítimo na história. A interpelação ideológica, ao operar por meio da linguagem, convoca os sujeitos a se identificarem com determinadas imagens, narrativas e valores, reforçando ou contestando posições sociais. Quando a memória de figuras como Maria Aragão é esvaziada de sua dimensão política e transformada em uma lacuna, os sujeitos são interpelados por um discurso que naturaliza esse esvaziamento, deslocando o foco da militância e da resistência para uma memória domesticada, conciliadora ou meramente comemorativa. Esse funcionamento ideológico da memória interfere na própria forma como os sujeitos se veem na história: o apagamento de vozes dissonantes ou subalternizadas compromete a possibilidade de construção de sentidos alternativos, de reconhecimento de identidades historicamente oprimidas e de projeção de futuros outros. Assim, a memória discursiva, quando capturada pelos mecanismos ideológicos de silenciamento, não apenas molda o passado, mas também define os contornos do presente e os limites do porvir, atuando na

constituição simbólica dos sujeitos e nas condições de produção dos sentidos que circulam no espaço social.

A materialidade do espaço urbano é um dos lugares privilegiados onde se inscrevem os efeitos da memória discursiva e da interpelação ideológica. Nomes de praças, monumentos, placas e espaços públicos operam como marcas visíveis de uma memória que se pretende coletiva, mas que é atravessada por disputas, silenciamentos e apagamentos. No caso da Praça Maria Aragão, por exemplo, a nomeação do espaço parece, à primeira vista, um gesto de reconhecimento histórico. No entanto, quando observamos a ausência de informações, narrativas e símbolos que resgatem efetivamente a trajetória da militante, percebemos que o espaço público se torna também um lugar de memória esvaziada. O nome está lá, gravado na paisagem da cidade, mas desprovido de sentidos que remetam às lutas, aos enfrentamentos políticos e à atuação social de Maria Aragão. Essa lacuna não é casual: ela resulta de uma política de memória que seleciona o que pode ser lembrado e o que deve ser esquecido. Assim, o espaço urbano torna-se um lugar de disputa simbólica, onde a presença física de uma homenagem convive com o silenciamento discursivo sobre o que essa presença deveria significar. Com base nessas reflexões, é possível compreender que a memória discursiva não se limita a um simples repositório de fatos passados, mas configura um processo vivo, marcado por disputas de sentidos, silenciamentos e reinscrições. Ela atravessa os corpos, os espaços e as relações sociais, materializando-se em práticas discursivas que interpelam os sujeitos de maneira ideológica. A Praça Maria Aragão exemplifica como o espaço urbano, que deveria funcionar como lugar de memória ativa e coletiva, pode ser atravessado por estratégias de esvaziamento simbólico. Nesse cenário, o nome da militante resiste fisicamente, mas sua história é silenciada nos discursos que circulam sobre ela, bem como as complexas nomeações que a acompanharam, de "Besta-Fera" a "Heroína da Pátria". Essa operação ideológica impede que novos sentidos emergentes se consolidem, mantendo um regime de memória que aparenta homenagem, mas que, na verdade, reproduz apagamentos históricos. Pensar a memória discursiva, portanto, é também pensar os modos de resistência possíveis: é tensionar os espaços, os discursos e os gestos de nomeação, para que vozes historicamente silenciadas possam, de fato, significar em toda a sua complexidade.

2.4 Memória, mídia e discurso.

O funcionamento da mídia, em particular do discurso jornalístico, é o lócus privilegiado para compreender a dinâmica dessa tríade, sendo analisado sob a lente do

conceito de “discurso sobre” (Mariani, 1998). A noção de "discurso sobre" define uma prática discursiva que se posiciona entre um "discurso de" (discurso-origem) e o interlocutor. Sua função primordial é atuar na institucionalização social de sentidos, engendrando um efeito de linearidade e homogeneidade da memória. No contexto da mídia o "discurso sobre" manifesta-se no ato de "colocar o mundo como objeto", produzindo um efeito de que a notícia é apenas um relato transparente que espelha a realidade cotidiana. Este efeito opera um apagamento do processo discursivo de construção da notícia, mascarando sua natureza ideológica. Conforme a AD (Pêcheux, 1997), todo dizer é determinado por uma formação discursiva específica, de modo que o sentido não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas em jogo. A atuação do "discurso sobre" na mídia não é apenas sobre a veiculação de informações; ela se insere diretamente nos processos de cristalização da memória do passado e na construção da memória do futuro (Mariani, 1998, p. 61). Isso se dá pela sua participação ativa na seleção dos fatos que serão rememorados.

A Memória Discursiva (MD), conceito central em Pêcheux (1975) e França (2018), é o que viabiliza a produção de sentidos ao restabelecer os implícitos necessários à leitura de um acontecimento – os pré-construídos e as marcas do interdiscurso. A MD é uma estrutura complexa de repetições, retomadas e paráfrases que sustenta a interpretação e, nesse movimento, atua na naturalização e fixação de identidades e estereótipos.

O "discurso sobre" na mídia opera uma forma de política de silenciamento ao privilegiar certos sentidos em detrimento de outros, fazendo-os cair no esquecimento. A injunção ao dizer – por exemplo, dizer "sobre os comunistas" para não permitir a emergência dos dizeres "dos comunistas" – é um modo de fixar sentidos e evitar o embate ou a polêmica, produzindo um efeito de consenso. Em última análise, o que é silenciado representa sentidos que não puderam significar no discurso hegemônico (Orlandi, 2010).

A imprensa, ao operar como mediadora, assume uma função decisiva nas relações de poder: fixar sentidos, organizar relações e disciplinar conflitos (Orlandi, 2003 [1983], p. 275). A memória construída, portanto, é um campo de disputas ideológicas, onde o "discurso sobre" se revela como a principal ferramenta.

O funcionamento do "discurso sobre" (Mariani, 1998) na mídia e em outros suportes (como os textos do museu e um depoimento autobiográfico) revela o lócus privilegiado para desvendar a dinâmica da memória em torno de Maria Aragão. A análise da tríade Memorial,

Notícias e Livro, à luz da teoria, demonstra que o discurso midiático, ao veicular informações sobre a praça, opera ativamente na institucionalização social de sentidos, engendrando o efeito de linearidade e homogeneidade da memória, conforme proposto por Mariani. Essa prática manifesta-se no ato de "colocar o mundo como objeto", produzindo a ilusão de que as notícias são relatos transparentes que simplesmente espelham a realidade de Maria Aragão, mascarando sua natureza ideológica (Pêcheux, 1997).

Durante este trabalho, esse mecanismo é materializado na despolitização do espaço, formulada nos depoimentos dos visitantes, que percebem um silenciamento no discurso oficial: o memorial se transforma em um "espaço cultural" desprovido de seu peso político, com a história "engolida pelo entretenimento". Esse esvaziamento do sentido político da homenageada é precisamente um efeito do "discurso sobre" que atua como política de silenciamento. O que é silenciado representa, conforme Orlandi (2010), os sentidos que não puderam significar no discurso hegemônico. A discrepância percebida entre os discursos (turísticos, jornalísticos e/ou oficiais) é a manifestação da descontinuidade na Memória Discursiva, onde a ausência (Courtine, 1999), o que não está presente no museu e na narrativa midiática, produz um significado ainda mais profundo: o esvaziamento histórico.

3.PERCURSO METODOLÓGICO

O nome de Maria Aragão está presente no espaço urbano de São Luís, representado, por exemplo, na praça memorial que leva seu nome e que serve como palco para diversas manifestações de grande importância para a cidade. Um nome que todos conhecem de alguma forma, mas o discurso que atravessa esse nome nem sempre é o mesmo ou o esperado para uma personalidade que recebeu tamanha honraria. Dessa forma nos perguntamos, qual ou quais o(s) discurso(s) de/sobre Maria Aragão?

Neste capítulo, vamos nos aprofundar nas condições de produção que permeiam o arquivo reunido para essa análise, para que assim possamos movimentar as noções discursivas em razão da memória de Maria Aragão.

3.1 Maria Aragão: A mulher na história.

“Heroína da Pátria”, esse foi o título recebido por Maria José Camargo Aragão no Projeto de Lei N° 761, em 2022, que inscreve seu nome no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, onde devem constar o “ nome dos brasileiros ou de grupos de brasileiros que tenham oferecido à vida à Pátria, para sua defesa e construção, com excepcional dedicação e heroísmo.” Para tal feito, é necessário a apresentação de uma justificativa

Maria Aragão nasceu em 10 de fevereiro de 1910, no Engenho Central, atualmente Pindaré Mirim, no Estado do Maranhão. Desde a infância, enfrentou desafios decorrentes de sua origem humilde e das barreiras sociais impostas às mulheres negras no Brasil do século XX. Influenciada pela resiliência de seus pais, Emídio Aragão e Rosa Camargo, encontrou na educação o principal meio de ascensão social.

Maria Aragão demonstrou, desde tenra idade, uma notável determinação acadêmica e profissional. Durante a década de 1930, em um contexto de restrições significativas ao acesso à educação formal, especialmente para mulheres negras oriundas do interior do Maranhão, superou adversidades para ingressar no curso de Medicina. Inicialmente, concluiu a formação no curso Normal, permitindo-lhe atuar como professora. No entanto, seu interesse pela área médica motivou-a a cursar um supletivo, com o objetivo de prestar vestibular. Em 1934, logrou êxito ao ingressar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tornando-se uma das poucas mulheres matriculadas em sua turma. Graduiu-se em 1942 e iniciou sua atuação na pediatria, especialidade que exerceu por dois anos, até ser profundamente impactada pelo

falecimento de sua filha, vítima de uma epidemia. Esse evento trágico redirecionou sua carreira para a ginecologia.

No exercício da medicina, Maria Aragão distinguiu-se por sua dedicação às camadas mais vulneráveis da população. Prestava atendimentos gratuitos, realizava visitas domiciliares e cobrava apenas os custos de deslocamento. Estabeleceu um consultório em sua própria residência, no qual atendia pacientes de baixa renda. Em 1970, passou a integrar a Liga Maranhense de Combate ao Câncer, atual Fundação Antônio Jorge Dino, contribuindo de forma significativa para a ampliação do acesso aos serviços de saúde. Sua trajetória profissional foi marcada pelo compromisso social e pela luta contra as desigualdades, sendo amplamente reconhecida por sua competência e humanismo.

Paralelamente à sua atuação na medicina, Maria Aragão consolidou-se como uma figura proeminente no cenário político. Em 1945, tornou-se uma das principais lideranças do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no Maranhão, exercendo um papel crucial na estruturação e fortalecimento da legenda no estado. Sua militância resultou em frequentes confrontos com o regime militar, tornando-a alvo de perseguições políticas. No entanto, sua dedicação à luta por justiça social e igualdade permaneceu inabalável.

Maria Aragão faleceu em 23 de julho de 1991, aos 81 anos, na cidade de São Luís. Seu funeral reuniu milhares de pessoas, materializando o impacto de sua trajetória na vida de inúmeras famílias maranhenses. Seu legado permanece vivo como um símbolo de resistência, coragem e compromisso com a transformação social. Maria Aragão não apenas abriu caminhos na medicina, mas também na política e na luta por direitos, consolidando-se como uma figura emblemática na história do Maranhão e do Brasil.

Seu reconhecimento transcende sua atuação em vida e se perpetuou por meio de diversas homenagens. Seu depoimento autobiográfico, publicado no livro *Maria por Maria ou a Saga da Besta-Fera nos Porões do Cárcere e da Ditadura*, organizado por Euclides da Cunha, apresenta um testemunho valioso sobre sua trajetória e seu engajamento político, revelando as dificuldades enfrentadas durante a ditadura militar e sua luta incansável pelos direitos sociais. Além disso, sua memória também foi preservada no espaço público com a construção da Praça Maria Aragão, situada em São Luís, projetada por Oscar Niemeyer, que se tornou um marco emblemático de resistência e compromisso com a justiça social. Na presente análise, esses materiais serão explorados para refletir sobre os diferentes sentidos

que circulam em torno de Maria Aragão, observando como sua trajetória é representada em distintas narrativas e espaços de memória, e de que maneira essas construções simbólicas contribuem para a consolidação de sua imagem como figura histórica.

3.2 Os Materiais

Nesta seção, apresentaremos o processo de constituição do corpus, que se desenvolveu ao longo da pesquisa, resultando na formação de um arquivo heterogêneo. Além disso, discutiremos a articulação teórico-analítica adotada, um princípio metodológico essencial dentro do *savoir-faire* da Análise do Discurso Materialista.

Inicialmente, destacamos que o corpus desta pesquisa foi elaborado por meio da identificação de um trajeto temático, que, segundo Malidier e Guilhaumou (1997), significa “a análise de um trajeto temático remete ao conhecimento de tradições retóricas, de formas de escrita, de usos da linguagem, mas, sobretudo, interessa-se pelo novo no interior da repetição” orientando a seleção de textos e materiais que abordam os sentidos de/sobre Maria Aragão. Foram analisadas diferentes produções discursivas, como seu depoimento autobiográfico e a construção da Praça Maria Aragão em São Luís, observando como sua trajetória é narrada e ressignificada em distintos espaços de enunciação. A análise considerou a circulação desses discursos e as disputas de sentidos que atravessam sua memória no contexto ludovicense. Para compor o corpus desta pesquisa, selecionamos recortes textuais e imagéticos extraídos de sites de notícias e blogs de turismo que tratam da figura de Maria Aragão e da Praça Memorial que leva seu nome, localizada em São Luís. Dentre os materiais analisados, incluem-se reportagens, descrições turísticas do monumento e reflexões sobre sua relevância histórica. Além disso, incorporamos ao estudo fotografias autorais da praça e de placas informativas presentes no local, buscando compreender como sua memória é representada no espaço público. Também foram escolhidos trechos do seu depoimento autobiográfico, *Maria por Maria ou a Saga da Besta-Fera nos Porões do Cárcere e da Ditadura*, nos quais a própria Maria Aragão relata episódios de sua militância e as perseguições políticas que enfrentou.

Dado esse contexto, é fundamental destacar que a abordagem teórico-metodológica adotada nesta pesquisa se fundamenta na AD de base materialista e na perspectiva desenvolvida no campo dos estudos discursivos no Brasil. Esse enquadramento permite compreender os discursos como práticas sociais historicamente situadas, atravessadas por

relações de poder e processos de significação que não se dão de maneira arbitrária, mas em conformidade com formações discursivas determinadas.

O percurso analítico adotado envolve um movimento dinâmico, no qual, por um lado, examinamos a organização dos enunciados, identificando reformulações, recorrências e marcas de regularidade discursiva. Por outro lado, buscamos atravessar o arquivo, explorando as relações interdiscursivas que permitem compreender os processos de ressignificação e deslocamento dos sentidos que atravessam as representações de Maria Aragão. Assim, a articulação entre diferentes materialidades discursivas, sejam elas textuais, imagéticas ou memoriais, possibilita uma leitura mais ampla dos modos como sua memória é construída e disputada em diferentes esferas discursivas.

Dessa maneira, a constituição do objeto desta pesquisa baseou-se em estratégias de leitura e análise que permitiram estabelecer conexões entre distintas formas de representação de Maria Aragão, levando em consideração as condições de produção desses discursos. O corpus de análise, composto por textos jornalísticos, publicações em blogs de turismo, registros fotográficos e seu depoimento autobiográfico, possibilitou a identificação das regularidades discursivas e das predicações que se organizam em torno de sua memória. A seleção desses materiais permitiu ainda observar como determinadas imagens de Maria Aragão são reiteradas, deslocadas ou ressignificadas em diferentes contextos, revelando a complexidade das disputas discursivas em torno de sua figura.

A partir desse corpus, foram delineados recortes analíticos que funcionam como instrumentos metodológicos para compreender as formas pelas quais os sentidos sobre Maria Aragão circulam e se transformam nos espaços jornalísticos, turísticos e memorialísticos. Esse recorte analítico não apenas textualiza os lugares de enunciação desses discursos, mas também permite observar as tensões e contradições que emergem na constituição da memória de Maria Aragão.

Com esses elementos em vista, a próxima seção será dedicada ao desenvolvimento da análise, aprofundando a discussão sobre os discursos que constituem e disputam a memória de Maria Aragão, a fim de compreender como diferentes formações discursivas operam na significação de sua trajetória e legado.

4. MOVIMENTOS ANALÍTICOS: nomes, espaços e memórias em deslocamentos

A Praça Maria Aragão, situada em uma posição estratégica no centro da cidade de São Luís, configura-se como um espaço público de ampla relevância cultural, social e política. Ao longo dos anos, tem sido palco de uma diversidade de eventos, desde celebrações artísticas e culturais até manifestações políticas e reivindicatórias, consolidando-se como um local de encontro e expressão para diferentes segmentos da sociedade. A importância da praça transcende sua materialidade física, pois se inscreve no imaginário urbano como um território de memória e de disputas simbólicas, materializando as dinâmicas e contradições socioculturais da cidade.

A compreensão da Praça Memorial Maria Aragão exige o entendimento do termo "memorial" em sua função arquitetônica e discursiva. Conforme definido pelo Dicionário Michaelis, um memorial, no contexto arquitetônico, é um "Monumento erigido em comemoração a pessoa ou coisa digna de ser lembrada". Essa definição sublinha seu propósito fundamental: a evocação e preservação da memória. Também é importante destacar que a Praça Memorial insere-se diretamente no Centro Histórico de São Luís, uma área de valor reconhecido e tombado pelo IPHAN, e que ostenta o prestigiado título de Patrimônio Mundial concedido pela UNESCO. Essa chancela internacional, formalizada pela Convenção de 1972, define o Patrimônio Cultural como um conjunto de bens de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. Nesse sentido, o memorial não apenas celebra uma figura local, Maria Aragão, mas se torna um componente da história global compartilhada, exigindo que seu propósito simbólico de preservação da memória seja ativamente cumprido.

A presença do termo "memorial" no nome sugere um efeito de sentido voltada à preservação e evocação da memória de uma figura histórica. Diferentemente de um monumento dedicado a um evento ou objeto específico, esse memorial está vinculado à trajetória e ao legado de Maria Aragão, uma personalidade cuja atuação política e social marcou profundamente a história local. No entanto, observa-se no cotidiano uma tendência à diluição desse caráter memorial, seja pela recorrente simplificação do nome, seja pela forma como o espaço é apropriado discursiva e socialmente. A praça, muitas vezes, é reduzida à sua função espacial e utilitária, sendo mencionada apenas como um espaço público destinado a eventos, sem a devida ênfase em seu propósito simbólico e na memória que deveria resguardar.

Diante desse cenário, emergem questionamentos fundamentais sobre a relação entre espaço, nomeação e memória. Quais distinções podem ser estabelecidas entre o conceito de "praça" e o de "memorial", e como essa diferenciação influencia a forma como os discursos circulam em torno do local? Em que medida a presença do nome "Memorial Maria Aragão" contribui para a constituição de sentidos sobre sua figura e atuação histórica? Além disso, como esses sentidos são apropriados, disputados ou ressignificados no cotidiano da cidade?

Essas questões orientam a reflexão proposta neste estudo, buscando compreender os mecanismos discursivos que atravessam a constituição simbólica da Praça Memorial Maria Aragão. Assim, pretende-se analisar como a memória de Maria Aragão se inscreve (ou é silenciada) no espaço urbano, investigando os processos de significação que permeiam esse local e os discursos que dele emergem.

4.1 - A praça e seu espaço político

A relação entre o corpo e o espaço que ocupamos diariamente é fundamental para a produção e circulação de sentidos. Esses sentidos, muitas vezes associados às condições de produção de um determinado local, conferem a ele significados políticos, culturais e ideológicos. Um exemplo paradigmático dessa dinâmica, que será explorado nesta análise, é a ocupação de espaços que se tornam significativos para manifestações políticas. Embora não haja uma delimitação oficial de espaços para expressar ideologias, cada lugar carrega sentidos que orientam os indivíduos a se posicionarem em conformidade com os imaginários que o envolvem.

Ao longo da história política global, observa-se que determinados grupos sociais tendem a se reunir em espaços específicos para expressar suas ideologias, seja em apoio a uma causa ou em oposição a ela. Um exemplo significativo é a Praça Baquedano², no Chile, palco central das manifestações de 2019, conhecidas como "Revoltas Sociais". Inicialmente motivadas por reivindicações por melhores condições no transporte público, essas

² A Praça Baquedano, em Santiago do Chile, foi inaugurada em 1875 e tornou-se um importante ponto de encontro urbano e social. Em 1910, com a instalação do monumento *El Ángel de la Victoria*, passou a ser conhecida como Plaza Italia, e em 1928, com a estátua do general Manuel Baquedano, recebeu o nome atual. Historicamente, sempre foi palco de celebrações e manifestações políticas. A partir do Estallido Social de 2019, a praça ganhou novo significado ao ser rebatizada pelos manifestantes como "Plaza de la Dignidad", símbolo das lutas contra a desigualdade e pela justiça social. A remoção da estátua de Baquedano em 2021 marcou uma mudança na forma como o Chile lida com sua memória histórica. Hoje, a praça permanece como um espaço de disputa simbólica e política, representando tanto o passado militar quanto o desejo de transformação social e democrática do país.

manifestações se intensificaram, simbolizando a luta por justiça social. A praça, que homenageava o general Manuel Baquedano González, passou a ser chamada popularmente de "Praça da Dignidade" após os protestos, materializando uma reconfiguração simbólica que textualiza a memória discursiva e as demandas políticas da sociedade chilena.

De forma semelhante, em São Luís do Maranhão, a Praça Maria Aragão se destaca como espaço simbólico e político. Entre 2018 e 2022, o local foi amplamente utilizado para manifestações contrárias ao então presidente Jair Bolsonaro e em apoio a candidatos de oposição. Esses eventos reafirmam a praça como um espaço público de grande relevância na cidade, associando-a a um cenário de resistência e manifestação ideológica.

Conforme Teixeira (2017), um memorial constitui-se como um local de memória, projetado para preservar e perpetuar eventos históricos significativos. Além de preservar a memória, ele também atua como um espaço educativo, contribuindo para a formação de uma sociedade crítica e reflexiva. Dessa forma, o Memorial Maria Aragão transcende sua função física, tornando-se um espaço simbólico que perpetua a memória de Maria Aragão e sua luta por justiça e igualdade.

A partir dessas construções, vejamos as seguintes imagens:

Figura 1: Reportagem sobre passeata Pró-Bolsonaro



Fonte: Passeata pró-Bolsonaro em São Luís foi da Havan a praça de militante comunista | Metrôpoles

Figura 2: Reportagem sobre passeata Pró-Bolsonaro



Fonte: Passeata pró-Bolsonaro em São Luís foi da Havan a praça de militante comunista | Metrôpoles

Nas imagens acima temos o registro de uma manifestação realizada na praça Maria Aragão, no dia 07 de setembro de 2021, manifestação essa sendo realizada por apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro. Esses manifestantes se concentraram em frente a loja Havan, a qual livremente apoiava o governo em questão, e marchou até a praça Maria Aragão, praça esta que possui uma história de ocupações para eventos públicos ou de manifestação política, que, até então, eram de esquerda.

Ao observar essas imagens, e as condições de produção da praça, podemos pensar em diversos questionamentos: Quais os sentidos políticos circulam sobre/na praça Maria Aragão? Qual o sentido da ocupação política no espaço da praça Maria Aragão? Que memórias sobre Maria Aragão sustentam discursos sobre a praça enquanto espaço de (des)encontro de posicionamentos político-ideológicos?

Ao fazer a leitura da matéria escrita por Guilherme Amado, podemos perceber diversas contradições:

SD1: A passeata pró-Bolsonaro em São Luís, capital do Maranhão, foi realizada num trajeto de inusitado simbolismo para os apoiadores do presidente. O ato começou no estacionamento de uma loja da rede Havan, que é propriedade de Luciano Hang, um dos

principais aliados de Bolsonaro no meio empresarial, mas terminou numa praça construída para homenagear uma célebre militante comunista do estado.

O vocábulo escrito pelo jornalista impõe uma contradição do ato: O trajeto é “inusitado” , o advérbio adversativo “mas” utilizado após a informação de que o ato iniciou em um local que pertence a um dos aliados do bolsonarismo, e a informação que está sempre em destaque sobre a praça homenagear uma militante comunista. Todas essas informações parecem estar em lados opostos, causando um estranhamento, pois como poderia uma “praça comunista” ter sido local de manifestação da direita ludovicense em pleno ato de 7 de setembro?

Ao colocarmos outras imagens lado a lado sobre outras manifestações que ocorreram nesse mesmo ano, percebemos mais contradição:

SD2:

Figura 3: Passeata Pró-Bolsonaro à esquerda e Manifestação contra Bolsonaro, em razão das mortes no período de COVID à direita.



Fonte: [Passeata pró-Bolsonaro em São Luís foi da Havan a praça de militante comunista | Metrôpoles](#) / [Manifestantes fazem ato contra Bolsonaro em São Luís | Maranhão | G1](#)

Na imagem à esquerda vemos os manifestantes pró-Bolsonaro, utilizando camisas das cores da bandeira brasileira com o rosto de Jair estampado, em sua maioria sem máscaras ainda em período de pandemia. Já na imagem à direita temos uma manifestação que ocorreu em 29 de maio de 2021, onde as pessoas não utilizavam as cores verde e amarelo, utilizavam máscaras, e portavam bandeiras de partidos políticos de esquerda e de movimentos sociais. Nesta manifestação, os participantes colocaram no gramado da Praça Maria Aragão várias cruzes, para simbolizar os mortos vítimas da COVID-19, resultado da falta de vacina e

descaso do governo federal vigente na época. Ambas as manifestações ocorreram no mesmo espaço, a praça da comunista militante Maria Aragão. Em uma imagem, vemos apenas um mesmo rosto, um político, estampado nas camisas que os manifestantes carregavam em seus corpos. Em outra imagem, vemos cores plurais, vemos cruzeiros que representam as faces e os corpos dos que deveriam estar ali. Apenas uma dessas imagens causam estranheza e podemos perceber ideias contrárias.

A praça memorial Maria Aragão, foi construída para guardar a memória daquela que leva seu nome, e por isso aquele espaço carrega sentidos em seu nome e sem sua construção. É estranho aquele espaço ser ocupado por quem não fala sobre o povo, como Maria falava. É estranho os corpos que estavam ali amontoados usarem cores ligadas à extrema direita em nosso país. É estranho pois de certa forma, o imaginário da comunista que lutava pelo povo circula ali naquele espaço, e se fundamenta enquanto lugar de memória.

Ao considerarmos a relação entre corpo e espaço, é crucial entender que essa interação é produtora e circuladora de sentidos. O espaço urbano não é neutro; ele está imbuído de significados que são, em grande medida, determinados pelas condições de produção histórica e social. A ocupação de determinados espaços para a expressão de ideologias políticas materializa os modos como esses sentidos se manifestam na prática social.

Historicamente, vemos que determinados grupos sociais escolhem locais específicos para a manifestação de suas ideologias, o que aponta tanto para uma escolha consciente quanto para uma imbricação com os sentidos já associados a esses espaços. No caso do Chile, por exemplo, as manifestações de 2019 na Praça Baquedano, rebatizada como Praça da Dignidade, exemplificam como um espaço pode se transformar em símbolo de resistência e contestação política. A mudança do nome da praça não é meramente nominal; ela é um ato de reconfiguração simbólica, que inscreve novos sentidos no espaço, subvertendo a memória oficial associada ao general Manuel Baquedano.

Analogamente, em São Luís do Maranhão, a Praça Maria Aragão se tornou um espaço de significação política, onde a memória da comunista militante é constantemente reativada e contestada. Durante os anos de 2018 e 2022, a praça foi palco de diversas manifestações contra o então presidente Jair Bolsonaro, eventos que carregam consigo não apenas a oposição política, mas também a reivindicação de um espaço de memória que é intrinsecamente ligado à luta popular e às causas defendidas por Maria Aragão.

Maria Aragão, como figura histórica, é um símbolo de resistência e luta pela justiça social, e sua memória está imortalizada na praça que leva seu nome. A escolha de Oscar Niemeyer para projetar o Memorial Maria Aragão, dado o seu alinhamento ideológico com a homenageada, reforça a carga simbólica e ideológica que permeia esse espaço. Assim, a praça não é apenas um local físico; ela é um lugar de memória, onde se travam batalhas simbólicas sobre quem tem o direito de ocupar e dar sentido a esse espaço.

A presença de um museu no Memorial Maria Aragão, que expõe objetos e documentos da vida da militante, reforça a ideia de que a praça é um locus de memória, mas também um espaço de educação crítica. Conforme Teixeira (2017) pontua, um memorial não é apenas um lugar de preservação; é um espaço ativo de formação de consciência crítica, onde a memória do passado é mobilizada para a construção de identidades e narrativas no presente.

A análise das manifestações ocorridas na Praça Maria Aragão em 2021, tanto por apoiadores de Bolsonaro quanto por opositores, revela as tensões e contradições inerentes ao uso de um espaço carregado de significados políticos. A contradição entre a história da militante comunista e a ocupação do espaço por forças políticas de direita revela o caráter dinâmico e disputado do espaço urbano como um campo de batalha simbólico.

Quando observamos as imagens dessas manifestações, vemos não apenas a ocupação física do espaço, mas a disputa pelos sentidos que esse espaço carrega. A utilização de símbolos como as cruzes na manifestação de 29 de maio de 2021, em contraste com as camisetas verde e amarelo dos apoiadores de Bolsonaro, destaca a luta por hegemonia na esfera pública. Cada manifestação, ao ocupar a praça, tenta inscrever nela seus próprios sentidos, ora reforçando, ora subvertendo o significado original associado a Maria Aragão.

A Praça Maria Aragão é mais do que um espaço de manifestações; ela é um espaço de memória e de disputa simbólica, onde diferentes narrativas e ideologias se confrontam. O que está em jogo não é apenas a ocupação física do espaço, mas a luta pelo controle dos significados que circulam nele, e, por extensão, pelo controle da memória coletiva que nele se constrói.

4.2 - A praça e seu espaço cultural e de memória

O contexto da Praça Memorial Maria Aragão, que se fundamenta na evocação e inscrição de uma memória no espaço urbano, encontra respaldo teórico fundamental na Análise do Discurso (AD), especialmente ao abordar a relação intrínseca entre museus/memoriais e a memória social. Teixeira (2017), em sua discussão sobre a memória e a história a partir de museus e da constituição de arquivos em torno do espaço urbano, estabelece que o memorial não é um mero repositório do passado, mas um dispositivo de memória que seleciona e veicula uma narrativa histórica específica, intervindo ativamente na topografia da cidade e na produção de seus sentidos. De maneira complementar, Venturini (2008) aprofunda a compreensão desse processo ao analisar a rememoração/comemoração como uma prática discursiva essencial na constituição do espaço urbano. Para a AD, a nomeação do espaço, a presença de um museu e a materialidade da praça (como a placa de entrada) são gestos discursivos que atualizam e formalizam a lembrança, atuando na interpelação dos sujeitos para estabilizar os sentidos sobre a personalidade celebrada. Desse modo, a Praça Memorial Maria Aragão e seu museu se configuram como o objeto ideal para desvendar como os discursos sobre o passado são materializados, construindo ativamente o significado do local, conforme já introduzido.

Diante dessas considerações, a pesquisa aqui proposta busca aprofundar a análise das memórias e dos processos discursivos que atravessam a Praça Memorial Maria Aragão. Assim, será orientada pela seguinte questão norteadora: “Quais memórias e processos de significação perpassam a Praça Memorial Maria Aragão, e de que forma sua materialidade e usos sociais influenciam a construção de sentidos sobre esse espaço e sua homenagem?”

Para contextualizar esse momento, apresento algumas imagens do memorial. Ao se aproximar da entrada do memorial, já dentro da praça, encontramos primeiramente a placa que dá as características gerais do espaço, como o seu nome, o nome do projetista, e também a logo da gestão da prefeitura responsável, assim como o nome do secretário de serviços urbanos da época:

Figura 4: Placa do Memorial Maria Aragão, na praça Maria Aragão.

Memorial Maria Aragão

PROJETO DO ARQUITETO OSCAR NIEMEYER

INAUGURADO EM 24 DE JUNHO DE 2004



Tadeu Palácio
PREFEITO

Carlos Rogério Araújo
SECRETÁRIO DE SERVIÇOS URBANOS

Fonte: Imagens do autor.

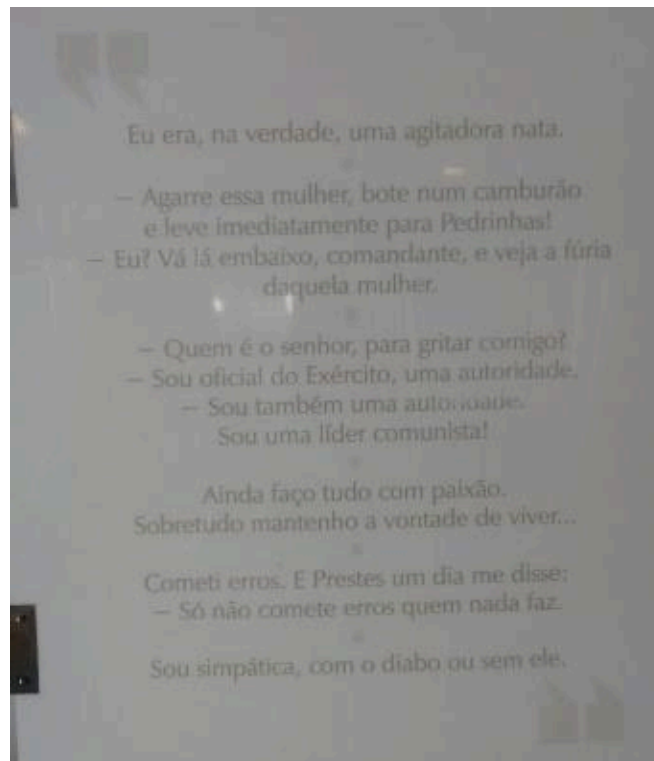
Figura 5: Placa do Memorial Maria Aragão, na praça Maria Aragão.



Fonte: Imagens do Autor.

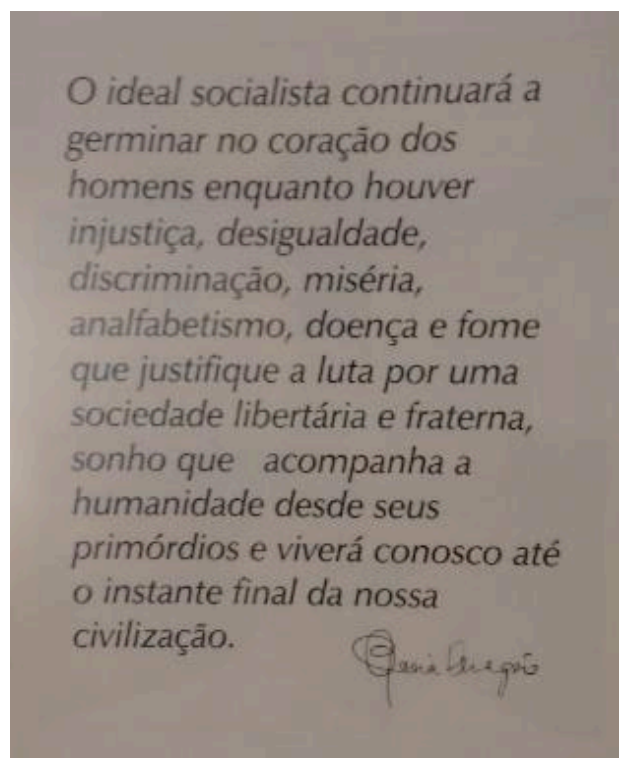
Em seguida, ao adentrarmos o museu, observamos que se trata de um espaço relativamente pequeno, com acervos que dão pinceladas sobre a trajetória de Maria Aragão. Acervos como painéis com falas de Maria Aragão, onde se expõe as ideologias políticas da homenageada, e suas defesas fervorosas em suas crenças

Figura 6: Painel do Memorial Maria Aragão, com trecho de sua autobiografia.



Fonte: Imagens do Autor.

Figura 7: Painel do Memorial Maria Aragão, com falas de Maria Aragão.



Fonte: Imagens do Autor.

No geral, o memorial possui um grande acervo com diversos diários, falas, estátuas, poemas e objetos que ou pertenceram a Maria, ou então foram dedicados a ela.

Nessas imagens, podemos perceber algumas regularidades:

SD3: “Este Memorial é uma Homenagem da Cidade de São Luís à médica e líder política Dr^a Maria Aragão [...]”

SD4: “Sou também uma autoridade/ Sou uma líder comunista”

SD5: “O ideal socialista continuará a germinar no coração dos homens enquanto houver injustiça [...]”

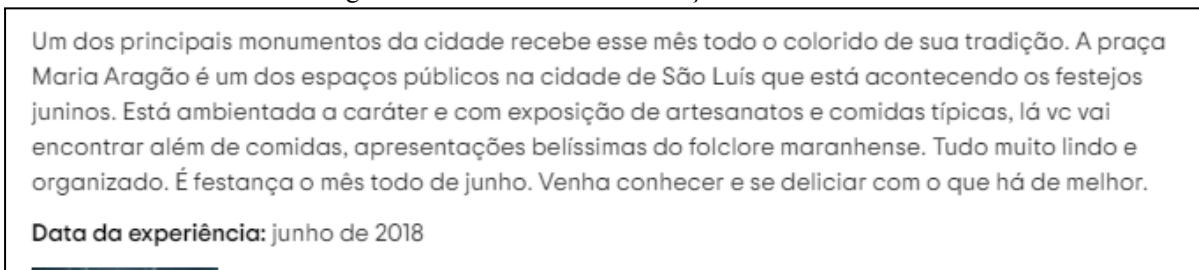
Conforme Teixeira (2017), o museu é frequentemente percebido de maneira enganosa como um espaço completo, pleno, absoluto, total e conclusivo. Surge a ideia de que toda a história está encapsulada ali, fundamentada na verdade, na precisão e na exatidão. Imagina-se que este seja um espaço real e palpável, repleto de veracidade. Acima de tudo, é visto como inquestionável e indiscutível. Portanto, o museu se apresenta como um local que "guarda" tudo que merece ou pode ser lembrado, funcionando como uma materialidade que previne o esquecimento. Seu propósito central é a preservação da memória através da história.

Dessa maneira, podemos discernir que o Memorial Maria Aragão se configura como um discurso oficial acerca da figura de Maria Aragão, emanando da entidade intitulada "Cidade de São Luís", que serve como metonímia para referenciar a instituição pública encarregada da curadoria deste espaço. No entanto, esta designação de "Cidade de São Luís" não se estende aos cidadãos e habitantes, mas sim à administração municipal responsável pela edificação da praça.

Ao identificarmos esse discurso oficial respaldado por uma entidade política, torna-se evidente também quais elementos são selecionados para a preservação da memória de Maria Aragão: "Líder política", "líder comunista", "autoridade" e "ideal socialista". A compilação de materiais exibidos no museu consiste em documentos oficiais datados das décadas de 50 e 60, períodos que abarcavam eventos políticos controversos, incluindo o regime de Ditadura Militar. Entre as exposições, encontra-se uma declaração proferida por Maria Aragão durante sua prisão durante a ditadura, na qual ela se auto proclama como uma autoridade. Essa afirmação serve como uma validação da relevância histórica de Maria Aragão no cenário político estadual, contribuindo para sua memorização, e assim, o próprio memorial materializa-se como um espaço de preservação da memória.

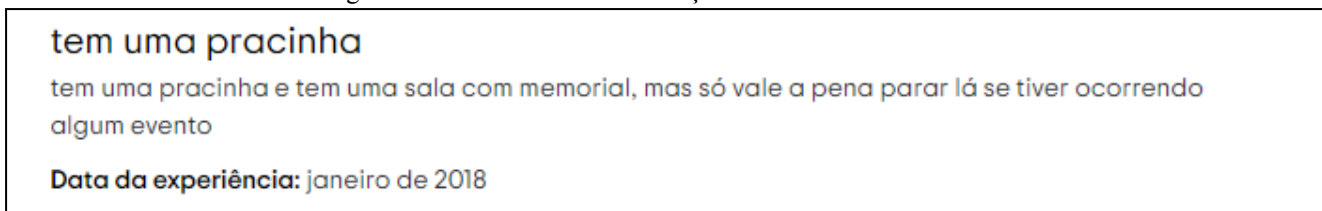
No entanto, este senso comum do espaço de um memorial ou museu, se projeto sobre a Praça aqui estudada? Observamos os seguintes comentários:

Figura 8: Comentários sobre a Praça em um Site de Turismo.



Fonte: [Memorial Maria Aragão \(São Luís\) - Tripadvisor](#)

Figura 9: Comentários sobre a Praça em um Site de Turismo.



Fonte: [Memorial Maria Aragão \(São Luís\) - Tripadvisor](#)

Ambos os depoimentos compartilham as experiências dos visitantes da Praça Memorial Maria Aragão, oferecendo perspectivas distintas, mas notavelmente convergentes: a presença de um silenciamento no discurso oficial que envolve o próprio espaço. Não se trata de um memorial genuíno, não é um espaço que mantém a memória de Maria Aragão. O que se apresenta é, em vez disso, um local desprovido de seu peso político. Ele assume o papel de um espaço cultural, um local para eventos, mas não carrega a essência de um verdadeiro espaço de memória.

Através dessas manifestações, podemos decifrar que o discurso turístico formulado nas postagens sobre o museu despoja a história, que é engolida pelo entretenimento inerente ao espaço urbano. A história, que continua a identificar o espaço, é deixada de lado na celebração. O que salta aos olhos são as omissões, os silêncios que clamam por meio das vozes que se expressam, que dão forma à memória.

Na abordagem discursiva, o museu não é somente um local que incorpora fatos históricos, mas também os eventos históricos em si, com um sujeito responsável por determinar o que será exposto ou ocultado. Pode-se argumentar que o que não se produz no museu também produz significados. Essa produção ocorre por meio da ausência, pois, como aponta Courtine (1999), muitas vezes a ausência carrega um significado ainda mais profundo

do que a presença, por estar ausente, invisível, silenciada. Ao selecionar o que será exibido, inevitavelmente há elementos que serão relegados ao esquecimento, e o que permanece oculto também anseia por atribuições de sentido.

A perspectiva turística adotada pelos visitantes do Memorial difere da formação discursiva estabelecida pela prefeitura que o criou, bem como dos sentidos de memória subjacentes à curadoria do local. Essa discrepância provoca uma descontinuidade no discurso da formação social do local. O que se torna evidente é que a evocação e a rememoração da Praça não se manifestam por meio de seu sentido oficial, conforme ditado pela prefeitura. Um abismo emerge entre o conteúdo do museu e o que é transmitido através do turismo, dado que todo silêncio é intrínseco a um processo histórico e político. Projeta-se um intrincado jogo de sentidos que progressivamente esvazia o contexto histórico, onde o próprio silêncio contribui para uma política que permeia múltiplos espaços até encontrar eco no discurso turístico.

4.3 Maria Aragão: A Besta-Fera e a Heroína da Pátria

A trajetória discursiva de Maria Aragão corporifica uma complexa movimentação dos sentidos que lhe foram atribuídos ao longo do tempo. Considerando que nos situamos em uma perspectiva da Análise do Discurso de matriz materialista, compreendemos que os discursos sobre Maria Aragão não são fixos nem naturais, mas atravessados por relações de poder, formações ideológicas e condições de produção específicas (PÊCHEUX, 1988). Dessa forma, a construção de sua imagem ao longo da história atualiza as disputas simbólicas que transcendem sua trajetória individual, inserindo-se em um campo de significação em constante transformação. O contraste entre as nomeações "Besta-Fera" e "Heroína da Pátria" não pode ser reduzido a uma mera mudança de percepção individual, mas deve ser analisado no interior de uma rede discursiva que articula diferentes posições de sujeito e efeitos de sentido, exigindo o recurso ao conceito de interdiscurso na Análise do Discurso (AD). O sentido de "Besta-Fera" é mobilizado pelo sentido de "Anticomunista, autoritária" cujos dizeres pré-existentes (o interdiscurso) são ancorados na Memória Discursiva (MD) do Terror e da Desumanização do Inimigo Político, que se manifestou em mídias conservadoras e na propaganda de Segurança Nacional da ditadura, objetivando desqualificar e justificar a repressão contra militantes. Em contrapartida, o título "Heroína da Pátria" emerge de um sentido de "Democracia", atualizando a MD da Luta Cívica e da Reparação Histórica, cujo interdiscurso se materializa em atos oficiais, legislações e discursos de Direitos Humanos, buscando reconfigurar a atuação de Maria Aragão de "crime" para "serviço à nação" e

reintegrá-la ao panteão cívico. Trata-se, assim, de um processo em que os sentidos atribuídos a Maria Aragão são reconfigurados a partir das conjunturas políticas e dos regimes de verdade, demonstrando que as duas nomeações representam o embate de duas Formações Discursivas distintas que, operando no vasto campo do dizível (o interdiscurso), disputam a fixação de um sentido hegemônico sobre o legado de Maria Aragão. Trata-se, assim, de um processo em que os sentidos atribuídos a Maria Aragão são reconfigurados a partir das conjunturas políticas, das formações discursivas e dos regimes de verdade que operam em diferentes momentos históricos.

Vamos observar este momento da história de Maria Aragão:

Eu não tinha me casado ainda e não dizia que eu não era médica, porque não podia mais dizer que eu não era médica.

- Mas dizia que eu era a “besta-fera”, que o Apocalipse já havia falado na minha existência, pois estava lá no

Apocalipse a existência da “besta-fera” e que eu devorava criança e que todas as pessoas deviam botar uma cruz preta na sua porta, para evitar que eu penetrasse nas casas.

- Isso deu uma curiosidade muito grande no povo e eu estou lá na casa de João Batista, era uma casa de janelas baixas, ficava numa rua larga.

- Terminada a missa... eu disse missa, viu?

- Não disse reza, viu? Pois bem, terminada a missa, o povo foi se acumulando defronte da casa, pra ver a “besta-fera” botar fogo pelo nariz.

As pessoas gritavam:

- “Besta-fera”!, “Besta-fera”!, “Besta-fera”!... pois, eles queriam vê-la.

- Pura curiosidade popular, naturalmente, estavam prontos pra correr, na hora em que a “besta-fera” começasse a botar fogo pelo nariz.

Aí o João Batista disse:

- Olha, eu acho que você devia ir pra janela, devia ir falar com essa gente, tem muita gente.

- Eu fui pra janela, falei com o pessoal... Eu tinha ido a Pedreiras fazer mesmo uma reportagem num lugar chamado Conceição, onde um grileiro queria tomar a terra e o pessoal se armou e disse que de lá não saía ninguém.

- Nesse lugar chamado Conceição, o pessoal tava armado, pronto pra reagir, não entregar a terra. Isso é que eu fui fazer. Fazer a reportagem e aproveitei fui ver o trabalho do Partido, lógico.

- Bem, então eu falei com o povo curioso que estava na porta da casa do João Batista.

- Tenho fama de falar bem, então fui lá e falei. Até hoje tenho essa fama de falar bem.

- O que eu queria era conhecer, conhecer mais o local, saber o que tá existindo.

- Eu já sabia como era a vida em Pedreiras, sabia como era o programa da saúde, sabia tudo de Pedreiras, eu trabalhava em jornal, tinha de saber.

- Aí, eu comecei a falar, falei, falei, falei, falei e o povo não saía.

- O povo só aumentava, até que eu não pude mais falar, pois falei até que eu fiquei rouca.

Aí eu disse:

- Agora vão pra suas casa, cuidar da vida de vocês, lutem pra melhorar essa situação, bababá, bababá... (NETO, 2017, p. 124)

Este evento ocorre quando Maria Aragão chega na cidade de Pedreiras, Maranhão, ainda atuando na ilegalidade do partido. O trecho revela como o discurso pode ser usado para criar narrativas opressivas e silenciadoras. Maria Aragão é difamada como "besta-fera", uma figura monstruosa, pelo clero local, o que exemplifica uma tentativa de marginalizá-la e desacreditá-la publicamente. Esse discurso difamatório tem a intenção de silenciar sua verdadeira identidade e sua voz, colocando-a como uma ameaça à ordem estabelecida e ao status quo. Considerando a abordagem de Zoppi (2019), que trata das identificações de gênero como construções discursivas complexas, o trecho ilustra como Maria Aragão resiste à interpelação ideológica que tenta defini-la como um monstro e silenciá-la. Ao se posicionar na janela e falar diretamente ao povo, Maria reivindica sua voz e sua identidade, subvertendo a narrativa que tenta aprisioná-la em uma identidade monstruosa e inumana. Sua fala e presença pública são atos de resistência que desafiam as tentativas de silenciamento e difamação, materializando os processos de subjetivação onde uma mulher, difamada e marginalizada, emerge e afirma sua própria narrativa.

A interpelação ideológica descrita por Zoppi também é visível na maneira como Maria Aragão é acusada de ser uma figura do Apocalipse. A acusação é uma forma de identificação forçada que busca colocar Maria dentro de uma narrativa específica e negativa. No entanto, ao se engajar diretamente com o público e explicar suas ações e intenções, Maria inverte essa interpelação, recusando-se a aceitar a identidade imposta a ela e expondo a natureza manipuladora e opressiva das acusações. Ela transforma a narrativa de difamação em uma oportunidade para reivindicar sua própria voz e perspectiva.

Sua fala é um ato político, textualizando as lutas por reconhecimento e a resistência contra práticas de silenciamento histórico. A sua capacidade de atrair a atenção do povo e mantê-los ouvindo até ficar rouca demonstra o poder de sua enunciação e a eficácia de sua resistência discursiva.

Nos anos em que sua militância política era intensamente combatida pelos setores conservadores, Maria Aragão foi inscrita em um discurso de demonização, sendo nomeada "Besta-Fera". Esse enunciado se insere em uma formação discursiva que historicamente associa figuras revolucionárias e opositoras ao sistema hegemônico a signos de perigo e ameaça. Como observa Orlandi (2005), a materialidade do discurso não está apenas no que é dito, mas também nas relações de memória que o sustentam. A metáfora da "Besta-Fera",

ancorada em referências religiosas, ativa uma memória discursiva que remete ao Apocalipse e à ideia de destruição. A própria Maria Aragão, ao relatar o episódio, textualiza como esse discurso produziu um efeito de pânico coletivo, levando a população a cercar sua residência com a expectativa de testemunhar a encarnação do mal. O fato de sua figura ter sido associada a um ser mitológico demonizado revela não apenas o nível da perseguição política que sofreu, mas também os mecanismos discursivos de silenciamento e deslegitimação empregados pelo poder instituído.

Entretanto, a resposta discursiva de Maria Aragão ao ser interpelada como "Besta-Fera" demonstra um deslocamento significativo dentro da formação discursiva em que estava inserida. Ao assumir a palavra e se dirigir diretamente ao público que a observava, ela desarticula o efeito de medo e pânico, transformando a posição de sujeição em uma posição enunciativa ativa. A insistência no ato de falar : "falei, falei, falei até ficar rouca", indica uma estratégia discursiva de resistência, que se contrapõe à tentativa de silenciamento imposta pelos discursos hegemônicos. Dessa forma, observa-se a emergência de um contra-discurso, no qual Maria Aragão desloca a significação de sua presença naquele espaço e constrói para si outra posição de sujeito, que mais tarde se consolidaria em sua atuação política e social.

Décadas após esse episódio, a inscrição de seu nome no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria em 2022 representa uma inflexão discursiva fundamental. O título de "Heroína da Pátria" não apenas ressignifica sua trajetória, mas reinsere sua figura em uma nova formação discursiva, agora legitimada pelo Estado. Se antes Maria Aragão era associada à ameaça e ao perigo, passa agora a ser nomeada como um símbolo nacional, aquele que "ofereceu a vida à Pátria, para sua defesa e construção, com excepcional dedicação e heroísmo" (BRASIL, 2022). Esse deslocamento demonstra como os discursos não são estáveis, mas circulam e se transformam em função das condições históricas e políticas que os atravessam.

Entretanto, essa mudança de posição não significa uma ruptura total com os sentidos anteriores. Como aponta Pêcheux (1990), a memória discursiva mantém marcas de enunciados passados que, ainda que ressignificados, nunca são completamente apagados. Assim, a heroificação de Maria Aragão convive com a lembrança de sua perseguição, e sua figura continua a ser disputada no campo discursivo. A nomeação como "Heroína da Pátria" pode ser interpretada tanto como um reconhecimento histórico quanto como um processo de institucionalização de sua memória, que, por sua vez, pode gerar novos efeitos de sentido, dependendo das instâncias de enunciação em que for mobilizada.

Esta análise das diferentes nomeações atribuídas a Maria Aragão revela não apenas a mutabilidade dos discursos que a representam, mas também a complexidade das disputas ideológicas que atravessam sua memória. A transição de "Besta-Fera" para "Heroína da Pátria" não constitui uma simples substituição de epítetos, mas reflete um profundo deslocamento nos regimes de significação que permeiam sua trajetória. Esse processo materializa tanto os mecanismos de resistência que desafiaram as tentativas de deslegitimação de sua atuação política quanto às estratégias de institucionalização de sua memória, demonstrando como a historicidade dos discursos interfere na forma como figuras emblemáticas são ressignificadas ao longo do tempo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi analisar, sob a perspectiva da Análise do Discurso de orientação materialista, os modos de significação que se produzem em torno da figura de Maria Aragão e do espaço urbano que a nomeia – a Praça Memorial Maria Aragão – em São Luís do Maranhão. Partiu-se da inquietação provocada pela circulação cotidiana desse nome nos espaços da cidade, em sua repetição naturalizada como ponto de referência, contrastando com o apagamento discursivo da memória política, histórica e ideológica da mulher que lhe dá sentido.

Ao compreender a linguagem como atravessada pela ideologia e determinada pelas condições de produção, a Análise do Discurso permitiu desvelar os mecanismos discursivos de silenciamento e de apagamento que operam sobre a memória de Maria Aragão. Mais do que observar o que se diz, interessou-nos analisar os efeitos de sentido produzidos a partir do que se repete, do que se desloca e, principalmente, do que se cala. Nesse processo, foi possível identificar que a memória discursiva em torno de Maria Aragão é tensionada por formações discursivas distintas, que entram em confronto no processo de significação.

O funcionamento da memória, aqui concebido não como simples recordação do passado, mas como elemento estruturante do discurso (ORLANDI, 2010), revelou-se marcado por estratégias de domesticação e esvaziamento. A nomeação da praça com o nome de Maria Aragão, ainda que possa ser interpretada como um gesto de reconhecimento institucional, produz também um efeito de estabilização dos sentidos, ao submeter sua memória a um regime discursivo hegemônico, que legitima certas representações e exclui outras. O gesto de nomear, nessa perspectiva, funciona como uma inscrição ideológica que pode tanto fazer existir quanto apagar.

A análise mostrou que a figura de Maria Aragão, ainda que homenageada como "Heroína da Pátria", é mantida sob um funcionamento discursivo que tende à neutralização de sua trajetória enquanto mulher negra, comunista, perseguida política e militante anticapitalista. A transição de sentidos, do insulto à consagração oficial, marca um processo de ressignificação que, ao mesmo tempo que reinscreve a militante no espaço simbólico do Estado, apaga os traços que a tornam incômoda à memória oficial. Esse deslocamento revela o funcionamento ideológico da memória, que opera por apagamentos, deslocamentos e

silenciamentos, produzindo efeitos de sentido que garantem a manutenção de determinadas formações discursivas.

A Praça Memorial Maria Aragão, neste processo, figura como um espaço contraditório: ao mesmo tempo em que é lugar de inscrição da memória, torna-se também um espaço de apagamento discursivo. Sua materialidade, sua localização central e o projeto arquitetônico assinado por Oscar Niemeyer dialogam com a intenção de homenagear, mas sua apropriação cotidiana – como espaço de lazer, turismo ou manifestações despolitizadas – aponta para o esvaziamento de sua função como espaço de memória política. O corpo de Maria Aragão, deslocado da militância para a monumentalização, torna-se assim um corpo simbólico neutralizado, absorvido pelas lógicas da memória oficial.

Em última instância, este buscou corporificar como a memória discursiva, ao se atualizar nas práticas de nomeação e nas formas de circulação do discurso, está sempre submetida às condições históricas de sua produção. A disputa de sentidos em torno de Maria Aragão materializa o quanto a memória não é estável, mas um campo de embate entre formações discursivas concorrentes, onde o silêncio não é ausência, mas forma de funcionamento do discurso.

Dessa forma, este estudo não se encerra na descrição dos sentidos em circulação, mas propõe uma reflexão sobre a necessidade de reinscrever vozes silenciadas e de tensionar os espaços de memória. Recolocar Maria Aragão no centro do debate não apenas como nome, mas como discurso, é afirmar a possibilidade de fazer falar aquilo que foi historicamente calado, abrindo caminhos para que novos sentidos possam emergir na relação entre linguagem, sujeito e história.

REFERÊNCIAS

ACHARD, Pierre. **A Memória e a Produção Discursiva do Sentido**. In: ACHARD, P. *et al.* Papel da memória. Tradução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen.

BALDISSERA, Raquel; TEIXEIRA, Maria Cláudia. **Memorial do Holocausto: memórias e sentidos**. Disponível em < <https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/30172>>.

BRASIL. Senado Federal. **Projeto de Lei Nº 761, de 2022**. Ementa: Inscreve o nome de Maria José Camargo Aragão no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria. Brasília, DF: Senado Federal, 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2366766>.

COURTINE, J. J. (1999). **O Chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político**. In: INDURKY, Freda. (org.). Os múltiplos territórios da análise do discurso. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato.

CHAVES, Tyara; FRANÇA, Glória. **Brasilidade, encantaria e resistência: o silêncio e essa “coisa de outra ordem”**. Líng. e Instrum. Linguíst., Campinas, SP, v. 25, n. esp., p. 153-165, 2022.

EL PAÍS. **La disputa política por el plinto sin jinete en la Plaza Baquedano, epicentro del estallido social chileno**. 18 fev. 2025. Disponível em: <https://elpais.com/chile>.

FERRARI SOARES, Alexandre; LUNKES, Fernanda; DELA-SILVA, Silmara. Uma trajetória de pesquisa e(m) seus efeitos: um gesto de homenagem a Bethania Mariani. In: CASTELLO BRANCO, Luiza. Et all. (Org.). **Entrenós da Língua, do Sujeito, do Discurso**. Vol. 1. Campinas: Pontes Editores, 2022, v. 1, p. 53-66.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **O corpo como materialidade discursiva**. In: MILANEZ, Nilton; TASSO, Ismara; LAGAZZI, Suzy. Revista eletrônica de estudos do discurso e do corpo. Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p.77-82, 2013. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/redisco/article/view/2697/2242> . Acesso em: 15 dez. 2025.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Oficinas de Análise do Discurso: conceitos em movimento**. Campinas: Pontes, 2015

FILHO, Fábio Ramos Barbosa. **O discurso antiafricano na Bahia no século XIX**. São Carlos & João Editores, 2019. 270p.

FRANÇA, Glória; GLEO, Noelle. **“Moi, la noire docteur”: penser une prise de parole de femme noire/décoloniale à la première personne**. Itinéraires, n. 2021-3, 29 ago. 2022.

FRANCA, Glória. **Gênero, raça e colonização: a brasilidade no olhar do discurso turístico no Brasil e na França**. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 2018.

GOBIERNO DE SANTIAGO. **Autoridades anuncian cronograma de obras para remodelación de Plaza Baquedano con una inversión de 26 mil millones**. 2024. Disponível em: <https://www.gobiernosantiago.cl>.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano**. Org. Flavia Rios e Marcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. *Linguísticos*, n. 19. Campinas: IEL/Unicamp, 1990, p. 08-24. Luís: Littera Online, 2018.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. **Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história**. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997.

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). **Centro Histórico de São Luís (MA)**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/34>. Acesso em: 15 dez. 2025.

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). **Patrimônio Mundial Cultural e Natural**. [S.l.]: IPHAN, [2025]. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29>. Acesso em: 16 dez. 2025.

LAGAZZI, Suzy. **O desafio de dizer não**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1988

MAZIÈRE, Francine. **A Análise do Discurso: Histórias e práticas**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MODESTO, Rogério. **Interpelação ideológica e tensão racial: efeitos de um grito**. São Luís: Littera Online, 2018.

MICHAELIS. **Memorial**. In: DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Editora Melhoramentos, [2025].

NETO, Euclides Moreira. **Maria por Maria ou A Saga da Besta-Fera nos Porões do Cárcere e da Ditadura**. Editora Engenho, 2015.

NORA, Pierre (Dir.). **Les lieux de mémoire**. Tome I: La République. Paris: Gallimard, 1984.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 6ª edição, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. São Paulo: Unicamp, 2007.

PAVEAU, Marie-Anne. **Os pré-discursos: sentido, memória, cognição**. Tradução: Graciely Costa e Débora Massmann. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2012

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi, 4a Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009(1988/1975).

PÊCHEUX, Michel. **"O papel da memória"**. In: ACHARD, P. *et al.* *Papel da memória*. Tradução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

RAMOS, Maísa. **Silenciamento e tomada de palavra: discursos de Evo Morales e Lula da Silva**. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2020.

ROBIN, Régine. **A memória saturada**. Tradução: Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas: Editora da Unicamp, 2017 [2003]

TEIXEIRA, Maria Cláudia. **A memória e a história a partir de museus e da constituição de arquivos em torno do espaço urbano**. Disponível em<<https://www3.unicentro.br/label/publicacoes/>>.

VENTURINI, Maria Cleci. **Rememoração/Comemoração: Prática Discursiva de Constituição de um Espaço Urbano**. 2008. Tese (Doutorado). – Santa Maria, Porto. 2008.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo Decolonial**. São Paulo: Ubu editora, 2020.

ZOPPI, Mônica. **É o nome que faz a fronteira**. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999, p. 202-215.

ZOPPI, Mônica. “**Lugar de fala**”: **enunciação, subjetivação, resistência**. Revista Conexão Letras, v. 12, n. 18, 5 jan. 2018.

ZOPPI, Mônica. **Lugares de enunciação e discurso**. Leitura, n. 23, p. 15–24, 8 abr. 2019.